

O aniversário de dona Lucrecia



---

No dia em que fez quarenta anos, dona Lucrecia encontrou em cima do traveseiro uma missiva de traço infantil, caligrafada com muito carinho:

Feliz aniversário, madrastra!

Não tenho dinheiro para lhe dar nada, mas vou estudar muito, tirar o primeiro lugar e isso vai ser o seu presente. Você é a melhor e a mais bonita de todas e eu sonho toda noite com você.

Feliz aniversário outra vez!

*Alfonso*

Já era depois de meia-noite e dom Rigoberto estava no banheiro entregue às suas abluções de antes de dormir, que eram complicadas e lentas. (Depois da pintura erótica, a limpeza corporal era seu passatempo favorito; a espiritual não o inquietava tanto.) Emocionada com a carta do menino, dona Lucrecia sentiu o impulso irresistível de procurá-lo, de agradecer. Aquelas linhas eram, na verdade, sua aceitação na família. Estaria acordado? Não havia problema! Caso contrário, beijaria sua testa com muito cuidado para não incomodá-lo.

Enquanto descia a escadaria atapetada da mansão às escuras rumo ao quarto de Alfonso, pensava: “Eu consegui, ele já gosta de mim.” E seus velhos temores em relação ao menino começaram a se evaporar como uma névoa ligeira corroída pelo sol do verão limenho. Tinha esquecido de vestir o roupão, estava nua por baixo da leve

camisola de seda preta e suas formas brancas, abundantes, ainda duras, pareciam flutuar na penumbra entrecortada pelos reflexos da rua. Estava com a longa cabeleira solta e ainda não tinha tirado os brincos, anéis e colares da festa.

No quarto do menino — é verdade, Foncho sempre ficava lendo até tardíssimo! — havia luz. Dona Lucrecia bateu com os nós dos dedos e entrou: “Alfonsito!” No cone amarelado que a lâmpada do abajur irradiava, por trás de um livro de Alexandre Dumas, apareceu, assustada, uma carinha de Menino Jesus. Os cachos despenteados de cabelo dourado, a boca entreaberta por causa da surpresa mostrando a dupla fileira de dentes branquíssimos, os grandes olhos azuis arregalados tentando resgatá-la das sombras da soleira. Dona Lucrecia permanecia imóvel, observando-o com ternura. Que menino bonito! Um anjo de nascença, um desses pajens daquelas gravuras galantes que seu marido escondia e trancava a quatro chaves.

— É você, madraستا?

— Que cartinha mais linda você me escreveu, Foncho. É o melhor presente de aniversário que já me fizeram, juro.

O menino tinha dado um pulo e estava já de pé em cima da cama. Sorria, de braços abertos. Enquanto avançava para ele, também risonha, dona Lucrecia surpreendeu — adivinhou? — nos olhos do enteado um olhar que passava da alegria ao desconcerto e se fixava, atônito, em seu busto. “Meu Deus, você está quase nua”, pensou. “Como foi se esquecer do roupão, sua boba. Que espetáculo para o pobre menino.” Tinha bebido mais taças do que devia?

Mas Alfonsito já a abraçava: “Feliz aniversário, madraستا!” Sua voz, fresca e despreocupada, fazia a noite rejuvenescer. Dona Lucrecia sentiu aquela silhueta delga-

da de ossinhos frágeis contra o seu corpo e pensou num passarinho. Imaginou que se o apertasse com muito ímpeto o menino se quebraria como um bambu. Assim, ele em pé sobre o leito, ficavam da mesma altura. Tinha enroscado seus magros braços no seu pescoço e a beijava amorosamente na bochecha. Dona Lucrecia também o abraçou e uma das suas mãos, deslizando por baixo do paletó do pijama azul-marinho com filetes vermelhos, passou pelas costas do menino, apalpando e sentindo na gema dos dedos a delicada escadaria da sua espinha dorsal. “Amo muito você, madraستا”, sussurrou a vizinha junto ao seu ouvido. Dona Lucrecia sentiu dois breves lábios que se detinham ante o lóbulo inferior da sua orelha, aqueciam-no com seu hálito e depois o beijavam e mordiscavam, brincando. Teve a impressão de que, enquanto a acariciava, Alfonsito ria. Seu peito transbordava de emoção. E pensar que suas amigas tinham vaticinado que aquele enteado seria seu maior obstáculo, que por culpa dele jamais chegaria a ser feliz com Rigoberto. Comovida, beijou-o também, nas bochechas, na testa, no cabelo desgrenhado, enquanto, vagamente, como que vindo de longe, quase sem que ela se desse conta disso, uma sensação diferente ia se infiltrando de um confim ao outro do seu corpo, concentrando-se principalmente naquelas partes — os peitos, o ventre, o dorso das costas, o pescoço, os ombros, as bochechas — expostas ao contato com o menino. “Você me ama muito, de verdade?”, perguntou, tentando se afastar. Mas Alfonsito não a soltava. E, ao contrário, enquanto respondia, cantarelhando, “Muitíssimo, madraستا, você é quem eu mais amo no mundo”, pendurou-se nela. Depois, suas mãozinhas a pegaram pelas têmporas e puxaram sua cabeça para trás. Dona Lucrecia sentiu-se bicada na testa, nos olhos, nas sobrancelhas, na bochecha, no queixo... Quando aqueles lábios magros roçaram nos seus, apertou os dentes, con-

fusa. Será que Fonchito entendia o que estava fazendo? Devia afastá-lo com um puxão? Mas não, não, como podia haver qualquer malícia na revoada saltitante daqueles lábios travessos que, duas, três vezes, perambulando pela geografia do seu rosto, pousaram por um instante sobre os seus, pressionando com avidez.

— Bom, e agora é hora de dormir — disse afinal, escapando do menino. Fez um esforço para parecer mais à vontade do que estava. — Senão, você não vai acordar para ir ao colégio, pequenino.

O menino se deitou, concordando. Olhava risinho para ela, com as bochechas rosadas e uma expressão de entusiasmo. Como podia haver malícia nele! Aquela carinha límpida, os olhos regozijados, o pequeno corpo que se apertava e se encolhia sob os lençóis não eram a personificação da inocência? Podre é você, Lucrecia! Agasalhou-o, ajeitou o travesseiro, beijou seu cabelo e apagou a luz do abajur. Quando saía do quarto, ouviu-o piar:

— Vou tirar o primeiro lugar e lhe dar de presente, madrastra!

— Prometido, Fonchito?

— Palavra de honra!

Na intimidade cúmplice da escada, enquanto voltava para o quarto, dona Lucrecia sentiu que estava ardendo dos pés à cabeça. “Mas não é febre”, pensou, aturdida. Será possível que a carícia inconsciente de um menino a tivesse deixado assim? Você está ficando depravada, mulher. Seria o primeiro sintoma de envelhecimento? Porque a verdade é que estava encharcada, com as pernas molhadas. Que vergonha, Lucrecia, que vergonha! E, de repente, cruzou pela sua cabeça a lembrança de uma amiga licenciosa que, num chá em benefício da Cruz Vermelha, provocou rubores e risinhos nervosos na mesa ao contar que, quando fazia a sesta nua com um afilhadinho

de poucos anos que coçava as suas costas, ficava acesa como uma tocha.

Dom Rigoberto estava deitado de costas, nu em cima da colcha rubi com estampas que pareciam escorpões. No quarto sem luz, apenas ligeiramente clareado pelo resplendor da rua, sua longa silhueta alva, hirsuta no peito e no púbis, permaneceu imóvel enquanto dona Lucrecia tirava os sapatos e se deitava ao seu lado, sem tocá-lo. Seu marido já estava dormindo?

— Onde você foi? — ouviu-o murmurar, com uma voz pastosa e arrastada de homem que fala em pleno crepitar das vontades, uma voz que ela conhecia tão bem. — Por que me abandonou, minha vida?

— Fui dar um beijo no Fonchito. Ele me escreveu uma carta de aniversário especial. Por pouco não me fez chorar, de tão carinhosa.

Adivinhou que ele mal a ouvia. Sentiu a mão direita de dom Rigoberto roçando em sua coxa. Estava queimando, como uma compressa de água fervendo. Os dedos escarvaram, desajeitados, por entre as dobras e redobras da sua camisola. “Vai notar que estou encharcada”, pensou, incômoda. Foi um mal-estar fugaz, porque a mesma onda veemente que a tinha sobressaltado na escada voltou ao seu corpo, arrepiando-o. Sentiu todos os poros se abrirem, ansiosos, e aguardarem.

— Fonchito viu você de camisola? — fantasiou, excitada, a voz do marido. — Deve ter dado umas idéias ao pequeno. Vai ter seu primeiro sonho erótico esta noite, quem sabe.

Ouviu-o rir, excitado, e ela também riu: “O que está dizendo, seu bobo.” Ao mesmo tempo, fingiu atacá-lo, deixando cair sua mão esquerda sobre a barriga de dom Rigoberto. Mas tocou foi numa haste humana levantando-se e pulsando.

---

— O que é isso? O que é isso? — exclamou dona Lucrecia, capturando-o, esticando-o, soltando-o, recuperando-o. — Olhe só o que encontrei, ora, que surpresa.

Dom Rigoberto já a tinha puxado para cima de si e a beijava com deleite, sorvendo seus lábios, abrindo-os. Por um bom tempo, de olhos fechados, enquanto sentia a ponta da língua do marido explorando a cavidade da sua boca, passeando pelas gengivas e o palato, sem pressa para saborear e conhecer tudo, dona Lucrecia mergulhou num aturdimento feliz, sensação densa e palpitante que parecia amolecer seus membros e aboli-los, fazendo-a flutuar, cair, girar. No fundo do turbilhão de prazer que eram, ela, a vida, como que aparecendo e desaparecendo num espelho que perde o seu azougue, vez por outra se delineava uma carinha intrusa, de anjo rubicundo. Seu marido havia levantado a camisola e lhe acariciava as nádegas, num movimento circular e metódico, enquanto beijava os peitos. Ouviu-o murmurar que a amava, sussurrar meigamente que com ela tinha começado para ele a verdadeira vida. Dona Lucrecia beijou seu pescoço e mordiscou os mamilos até ouvi-lo gemer; depois, lambeu lentamente aqueles ninhos que tanto o exaltavam e que dom Rigoberto tinha lavado e perfumado cuidadosamente para ela antes de ir se deitar: as axilas. Ouviu-o ronronar como um gato manhoso, contorcendo-se sob o seu corpo. Apressadas, suas mãos separavam as pernas de dona Lucrecia com uma espécie de exasperação. Colocaram-na de cócoras sobre ele, ajeitaram-na, abriram-na. Ela gemeu, dolorida e gozosa, enquanto, num redemoinho confuso, divisava uma imagem de São Sebastião flechado, crucificado e empalado. Tinha a sensação de ter levado uma chifrada no centro do coração. Não se conteve mais. Com os olhos entrecerrados, as mãos atrás da cabeça, avançando os seios, cavalgou naquele potro de amor que se balançava com ela, ao seu compasso, rumi-

nando palavras que mal podia articular, até sentir que ia desfalecer.

— Quem sou eu? — indagou, cega. — Quem você diz que eu fui?

— A esposa do rei da Lídia, meu amor — explodiu dom Rigoberto, perdido no seu sonho.